

Imagens da Europa no jornal *A Bola*: entre o isolamento do Estado Novo e a abertura europeia

João Pedro Cotrim

Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
jpcotrim@netc.pt

Texto recebido em/ Text submitted on: 08/10/2010

Texto aprovado em/ Text approved on: 31/07/2011

Resumo/Abstract:

A imprensa periódica desportiva, um caso de sucesso comercial em Portugal, é ainda um objecto estranho enquanto fonte de saber histórico, algo que não sucede noutras ciências. O seu papel social é subvalorizado, ou mesmo ignorado, apesar das suas tiragens superiores a todos os outros jornais e decorrente acesso a um público mais alargado. Este artigo começa por fazer uma defesa desta fonte, avaliando o seu papel na investigação histórica em comparação com a realizada noutras áreas do saber. Segue-se um exemplo de estudo com base na imprensa desportiva sobre assuntos para além do desporto – neste caso, uma amostra de textos do jornal *A Bola* publicados no período entre 1945 e 1986, onde é analisado o discurso produzido sobre alguns países europeus, tal como presenciadas pelos repórteres do jornal nas suas deslocações fora de Portugal (em acompanhamento dos clubes e da Seleção Nacional de futebol) em períodos distintos, com e sem a presença de mecanismos de censura.

The commercially successful Portuguese sports press is not generally viewed as a source of historical knowledge, while it has been valued in other areas of study. Its social role is underrated, even ignored, despite its circulation numbers being superior to regular newspapers, thus reaching a broader audience. This article begins by making a case for this source, evaluating its role in historical research when compared with other areas of knowledge. It is followed by a case-study featuring the inclusion of non-sports news in the sports press – specifically, a sample of texts from the sports newspaper *A Bola*, published between 1945 and 1986, where we analyse what was said about a few European countries by the newspaper's reporters on their travels abroad (accompanying football clubs and the Portuguese National Football Team) in different periods of time, with and without the presence of a censorship apparatus.

Palavras chave/Keywords:

História do Jornalismo em Portugal; Imprensa Periódica Desportiva; Cultura, Política e Futebol.

History of Journalism in Portugal; Periodical Sports Press; Culture, Politics and Football.

Introdução

O estudo da relação entre o fenómeno desportivo e os *media* não é, em Portugal, um tema inédito. Vários estudos foram já realizados em diversas áreas do saber, tão diversificadas como a Economia, a Sociologia, a Filosofia e, obviamente, a História. Porém, a maioria das publicações de relevo sobre história do desporto em Portugal carecem de um certo espírito crítico, limitando-se, geralmente, a uma mera descrição cronológica dos acontecimentos. Assim sendo, ficam ainda longe do grau de excelência das análises propostas noutras ciências, como as referidas Economia e Sociologia, para além, claro está, do Jornalismo¹. A imprensa desportiva é por vezes ignorada quando se faz história do jornalismo em Portugal; mesmo numa obra de renome, como é o caso da de José Tengarrinha, não existe uma única menção à imprensa desportiva portuguesa no período tratado, quando esta, ainda que incipiente, já existia².

Mas as elisões não se ficam pela área da história da imprensa – por exemplo, na grande obra de Alberto Trovão do Rosário sobre o desporto em Portugal³, não cabe uma palavra sobre imprensa desportiva. Estas ausências parecem dar razão ao sociólogo João Nuno Coelho, quando afirma que o estudo do jornalismo desportivo em Portugal é insuficiente, talvez por ser encarado como “uma forma de expressão e comunicação

¹ Por exemplo: João Nuno Coelho, *Portugal, a equipa de todos nós – nacionalismo, futebol e media* (dissertação de mestrado em Sociologia, pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, 1999); Daniel Murta, *O mercado português dos jornais desportivos* (dissertação de mestrado em Economia Financeira, pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, 1997); Francisco Pinheiro, *A Ideia de Europa na imprensa desportiva portuguesa (1893-1945)* (dissertação de mestrado em Estudos Históricos Europeus, pela Universidade de Évora, 2003); Fernando Vannier dos Santos Borges, *Futebol e globalização: tensões entre modernidade e tradição* (dissertação de mestrado em Comunicação e Jornalismo, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2009).

² TENGARRINHA, José - *História da imprensa periódica portuguesa*, 2ª ed. revista e aumentada. Lisboa: Caminho, 1989. Nem mesmo no seu vasto “Índice de títulos manuscritos e impressos periódicos ou noticiosos” aparece mencionado qualquer título da imprensa desportiva.

³ ROSÁRIO, Alberto Trovão do, *O Desporto em Portugal – reflexo e projecto de uma cultura*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

secundária, fazendo parte do universo do «jogo» e não das «coisas sérias»⁴. No entanto, o mesmo afirma a sua “importância e centralidade social pelo peso dos factos: o número de jornais vendidos”⁵. Opinião partilhada por Luís Sobral, que chega a afirmar que “a imprensa especializada em desporto forma um subsector poderoso. Parece possível dividir o mercado em dois: os jornais desportivos e os outros”⁶. Esta realidade parece ter-se vindo a alterar nos últimos tempos, e a recente publicação da tese de doutoramento de Francisco Pinheiro sobre imprensa desportiva em Portugal⁷ poderá abrir novas perspectivas de estudo para o futuro.

É geralmente aceite que, de forma directa ou indirecta, a imprensa periódica assume um papel na criação de opinião pública, sendo constantemente objecto de estudos históricos e sociológicos em diversos períodos. Num país como Portugal, em que se atribui muita atenção ao fenómeno desportivo (particularmente ao futebol), as tiragens e vendas de jornais da especialidade apresentam números que obscurecem a restante imprensa⁸, o que suscita uma questão: porque é que a imprensa desportiva não é mais vezes objecto de estudo? Sendo o meio de comunicação mais lido pelos portugueses ao longo do século XX, que já em si lêem pouco, não se deve descurar o papel que pode desempenhar como modelador da opinião pública no nosso país. Isto é especialmente verdade se olharmos para os casos em que este tipo de imprensa alargou o seu campo de interesse e respectiva reprodução noticiosa a assuntos para além do desporto, sejam eles preocupações sociais e políticas ou crónicas de viagem.

Nas próximas páginas, após uma breve nota sobre o jornal *A Bola*, produtor do *corpus* analisado, veremos exemplos de alguns desses artigos, recolhidos após consulta das páginas do jornal entre 1945 e 1986. Não nos propomos aqui analisar qualquer “Ideia de Europa no Jornal *A Bola*” – essa é, aliás, uma noção distante do pensamento dos seus redactores. Trata-se antes

⁴ COELHO, João Nuno, *Portugal, a equipa de todos nós – nacionalismo, futebol e media*. Porto: Afrontamento, 2001, p. 56.

⁵ *Idem, ibidem*.

⁶ SOBRAL, Luís e MAGALHÃES, Pedro, *Introdução ao jornalismo desportivo*, Lisboa: Cnid, 1999, p. 9.

⁷ PINHEIRO, Francisco, *História da Imprensa Desportiva em Portugal*, Porto: Afrontamento, 2011.

⁸ Cf. Daniel Murta, *O mercado português dos jornais desportivos*.

de uma recolha e análise de textos em que conta o discurso directo, e não os muitos possíveis metadiscursos (que dariam material para um trabalho muito mais exaustivo) que se poderiam extrair dos diversos artigos⁹. Também não cabe neste estudo fazer uma história do jornal no contexto do Estado Novo, relacionando-o com os mecanismos de censura (interessa-nos mais o que foi dito, e não o que ficou por dizer), embora, em virtude do período temporal a que nos reportamos, seja inevitável fazer algumas alusões à relação do jornal com o regime e o seu lápiz azul.

1) Discurso metadesportivo no jornal *A Bola*

Os primeiros periódicos desportivos careciam de algum profissionalismo e, acima de tudo, regularidade e poder de permanência, apesar da sua grande aceitação¹⁰. Seria preciso esperar até Janeiro de 1945 para, numa sociedade aberta a este tipo de imprensa, surgir o jornal *A Bola*, o primeiro realmente regular e profissional. Muitos outros se lhe seguiram, com maior ou menor sucesso, mas o jornal *A Bola* foi, e continuou a ser, o periódico desportivo de maior difusão, e será a partir dele que faremos este estudo.

O jornal germinou em torno da pessoa de Cândido de Oliveira¹¹. A sua paixão pelo desporto e a vocação cronística descoberta em jornais anteriores

⁹ Para um exemplo de estudo sobre os metadiscursos na imprensa desportiva, remetemos o leitor para Francisco Pinheiro, *A Europa e Portugal na imprensa desportiva: 1893-1945*. Coimbra: Minerva, 2006.

¹⁰ Apesar de a crónica desportiva estar já presente na imprensa generalista do século XIX, através do relato das mais variadas modalidades amadoras, a imprensa desportiva em Portugal começa verdadeiramente em 1893, pelo ciclismo, com o lançamento de “O Velocipedista”, o jornal do clube do Porto. É o momento de criação de um novo mercado, ao qual se seguirão outras publicações de clubes e independentes. No entanto, a vida cultural aparece também ela em muitas páginas destes incipientes periódicos, fazendo deles mais uma imprensa dedicada ao lazer e não uma imprensa desportiva *per se*. Para um estudo detalhado dos primórdios da imprensa desportiva portuguesa, ver Francisco Pinheiro, *História da Imprensa Desportiva em Portugal*, *cit.*

¹¹ Cândido Fernandes Plácido de Oliveira (Frenteira, 1896-Estocolmo, 1958). Foi jogador e treinador de futebol e jornalista desportivo. Foi capitão da seleção nacional no primeiro jogo desta, em 1921. Como treinador, foi seleccionador nacional e técnico do Sporting Clube de Portugal, onde ganhou o campeonato nacional. Personagem socialmente activo, a sua posição como sub-inspector dos correios em Santarém permitiu-lhe favorecer o bloco aliado durante a Segunda Guerra Mundial, desviando correio destinado a espiões alemães,

levaram à criação de *A Bola*, ideia na qual foi acompanhado por um companheiro do mundo do futebol, Ribeiro dos Reis¹². Surgiu depois o apoio financeiro, pelas mãos de Vicente de Melo¹³ e Artur Rebelo, administrador do Casino Estoril, formando-se a sociedade RIVIARCO (sigla que incluía os nomes dos seus membros: RIbeiro dos Reis, VIcente de Melo, ARTur Rebelo, e CÂndido de Oliveira). Em 1950, Artur Rebelo viu-se envolvido num processo judicial, sendo que acabou por ser decretado o arrestamento das suas posses, entre as quais constava a sua quota no jornal. Os restantes accionistas resolveram comprar a quota e redistribuí-la pelos redactores. O jornal tornou-se propriedade dos seus autores.

Ao longo da sua história, o jornal foi enriquecido, por um lado como reconhecimento da sua influência, por outro, como estratégia de *marketing*, com crónicas fora do âmbito desportivo, como relatos das viagens ao estrangeiro ou até colunas literárias, além da ocasional rubrica humorística. Tudo isto contribuiu para a expansão e progressivo domínio do jornal *A Bola* no seio da imprensa portuguesa, tanto no seu próprio mercado, como no generalista - segundo Daniel Murta, “a dimensão da liderança de *A Bola* nas suas três primeiras décadas, para além de impossível de quantificar, não é particularmente difícil de explicar, dada a reduzida dimensão do mercado, o comportamento do único rival que permaneceu [o jornal *Record*], os dias ocupados, a expansão solitária para o exterior. Pode dizer-se que *A Bola*, em grande medida, não teve concorrência”¹⁴.

As edições do jornal procuraram enquadrar nas crónicas algo mais. Propunha-se a inclusão de conteúdos mais diversificados, de forma a

reencaminhando-o para mãos inglesas. Denunciado ao governo português pelos Nacional-Socialistas, foi aprisionado no Tarrafal em 1942. Com o final da guerra já no horizonte, e por pressão inglesa, acabou por ser libertado.

¹² António Ribeiro dos Reis (Lisboa, 1896-Lisboa, 1961). Foi jogador de futebol e dirigente do Sport Lisboa e Benfica e jornalista desportivo. Seguiu também a carreira militar, passando à reserva em 1950 com a patente de tenente-coronel.

¹³ Vicente de Melo (Mourisca do Vouga, 1897-Lisboa, 1972). Médico de profissão, foi dirigente do Sport Lisboa e Benfica e da Federação Portuguesa de Futebol. Homem próximo do regime salazarista, por mais que uma vez teve que interceder para impedir o fecho do jornal *A Bola*.

¹⁴ in Daniel Murta, *O mercado português dos jornais desportivos*, cit., p. 19.

enriquecer a crónica desportiva e por conseguinte, o jornal¹⁵. Um desses conteúdos nasceu do crescente internacionalismo do futebol. Rui Silva enaltecia, já em 1974, o seu valor social: “o futebol é hoje como que um embaixador representativo de um povo”¹⁶.

Durante o período de vigência do Estado Novo, e mesmo no período conturbado que se lhe seguiu até à integração europeia, o desporto era seguido com devoção por parte de um povo português carente de distrações. O acompanhamento feito pela imprensa tomava a forma de diversos artigos que compunham as reportagens elaboradas sobre compromissos do desporto português no estrangeiro. Esses artigos, saídos da pena da elite jornalística que tomava o nome de “enviados especiais”¹⁷, apareceram sob a forma de crónica de viagem, curiosidades, anedotas, especificidades culturais, ou mesmo reportagens de fundo. Até aqui, nada de novo – segundo Francisco

¹⁵ “*A Bola* sempre teve a noção que o desporto não tem que estar num lado e o resto da sociedade noutra. O futebol e o desporto em geral fazem parte da sociedade portuguesa, e *A Bola* lutou muito ao longo dos anos para que isso fosse visível, num período em que Portugal vivia na situação de “orgulhosamente só”. Então, o que acontecia, e eu recordo-me também desse tempo, anos 50 até meados dos anos 70, era que sair de Portugal era um estatuto quase de aventura, de raridade, e que para os jornalistas de *A Bola*, essa raridade poderia criar uma realidade diferente do jornalismo, isto é, quando íamos a Itália, França, a Inglaterra, a Espanha, para não falar de países mais longe de Portugal, o facto de fazermos algumas crónicas de viagem, muitas vezes reveladas naquilo que nós chamávamos o “Hoje jogo eu”, uma das rubricas mais antigas de *A Bola*, nós conseguíamos transmitir para os leitores que eram menos informados e de níveis culturais menos desenvolvidos, que eram uma parte significativa dos leitores de jornais desportivos, mais do que o simples jornalismo do desporto, nomeadamente do futebol. Isso foi feito no futebol por muitos e grandes redactores e jornalistas do futebol, mas também por altura de Jogos Olímpicos ou de Voltas a França, como por exemplo com o Carlos Miranda. Mais tarde, o Carlos Pinhão conseguiu somar a isto um interesse cultural do povo português, e começou a convidar, semanalmente, um escritor de Língua Portuguesa para fazer textos n’*A Bola*, sempre um pouco consciente de que em Portugal lia-se pouco e mal, era um país muito isolado do mundo. Obviamente que havia aqui uma vocação política, mas tinha naturalmente uma vocação comercial, porque nós percebemos que isso ajudou a implantar e a fazer de *A Bola* um jornal provavelmente mais credível e mais desejado no mercado” (Vitor Serpa, em entrevista ao autor, 20 de Abril de 2005).

¹⁶ in Rui Silva, *O valor social do futebol*. Lisboa: Direcção-Geral dos Desportos, 1974, p. 12.

¹⁷ Elite na verdadeira acepção da palavra, uma vez que, durante o Estado Novo, o movimento de repórteres para além das fronteiras do país era controlado através da emissão (ou recusa de emissão) de passaportes. Sobre este assunto ver Graça Franco, *A censura à imprensa: 1820-1974*. Lisboa: Imprensa Nacional da Casa da Moeda, 1993, p. 109.

Pinheiro, a imprensa desportiva antes da Segunda Guerra Mundial já o fazia¹⁸.

Contudo, sendo uma actividade lúdica, o desporto viu os seus meios de difusão sofrer um controlo menos apertado pela censura, quando comparados com os tradicionais meios noticiosos generalistas. Esta abertura da Europa ao povo português através de uma imprensa desportiva, que embora controlada pela censura, conseguiu fazer passar mais facilmente diversos conteúdos¹⁹, revelou-se uma forma de dar a conhecer a um país “orgulhosamente só” os seus vizinhos europeus.

“Com o futebol aprende-se”

A frase que intitula esta secção é uma criação do jornalista Vítor Santos²⁰, frase essa com que baptizava uma série de “caixas” informativas. Nestas caixas, encontravam-se informações relativas aos países visitados pelos desportistas portugueses. Ocupando um lugar em muitas edições do jornal durante o período em que Vítor Santos escreveu, continham as informações básicas relativas a um país ou cidade: símbolos, língua, tamanho, população, localização, breves notas culturais, normalmente acompanhados de uma fotografia do local ou de um mapa. A rubrica “Com o futebol aprende-se” foi a primeira forma declarada de apresentar informação sem relação directa com o desporto, destacada das crónicas que vinham incluindo algumas linhas para estes assuntos, sendo o primeiro de muitos estilos que viriam a compor o rol de informações metadesportivas que *A Bola* transmitia nas suas páginas. No entanto, não deixava de ser uma estratégia básica, uma vez que dava apenas indicações superficiais, recolhidas em enciclopédias ou junto das embaixadas. Semelhantes à rubrica “Com o futebol aprende-se” eram as caixas intituladas “Onde vai [o Benfica,

¹⁸ In Francisco Pinheiro, *A Europa e Portugal na imprensa desportiva...*, cit, p. 178.

¹⁹ “*A Bola* era um jornal muito afectado pela censura, em comparação com os outros jornais desportivos. Com os generalistas, não. Não se pode dizer que fosse mais afectado, antes pelo contrário. Éramos um jornal que conseguia trazer coisas que outros não conseguiam, mas, por exemplo, tínhamos por vezes textos inteiros cortados pela Censura. Nos anos 60 tínhamos dificuldade em, para viagens ao estrangeiro, obter vistos, já que era feito um controle não apenas aos textos mas também às pessoas” (Vítor Serpa, 20/04/2005).

²⁰ Vítor Gonçalves dos Santos (Alenquer, 1923-Lisboa, 1990). Jornalista desportivo, foi um dos principais redactores de *A Bola*, chegando a chefe de redacção do jornal.

o Sporting, a Selecção, etc.]”, desta feita focando a cidade ou vila em questão (ocasionalmente a região) em vez de apresentar o país.

As rubricas acima descritas tinham um carácter meramente introdutório, saindo normalmente após os sorteios das taças europeias, ou aquando da aproximação dos jogos. O espectro de informação era alargado pela actuação do enviado especial. “O enviado especial é um Deus. Tudo o que o ele enviar é para publicar”, era a posição de Vítor Santos²¹. Este “tudo” incluía os comentários e observações que focavam aspectos não relacionados com o desporto, mas que enriqueciam a crónica: conversas com os locais, o estado político do país, a sua relação com Portugal. Uma das formas habituais do jornalista discorrer sobre estes assuntos, mais afastados da temática desportiva, era a rubrica “Hoje jogo eu”, uma das mais antigas do jornal.

Num dos seus famosos “Com o futebol aprende-se”, talvez o mais alargado, por ocasião de uma visita a Moscovo em 1971, Vítor Santos foca a importância, para o jornal *A Bola*, deste comportamento jornalístico que vai além da crónica desportiva, dizendo mesmo que “faz parte do programa de trabalho dos seus enviados-especiais”²². O facto de esta abordagem não estar presente em todas as situações que o justificavam confirma que seria uma actuação aconselhável, e não obrigatória. Há que notar, também, que muitas das deslocações não permitiam uma estadia prolongada, que permitisse uma análise mais detalhada das diversas realidades europeias. Passemos a analisar alguns exemplos.

2) Imagens da Europa no jornal *A Bola*

Entre a fundação do jornal e as primeiras competições europeias

Em 1945, altura da fundação do jornal, o mundo do futebol vivia um hiato sem competições ou encontros internacionais. O último Mundial de futebol datava de 1938, e os próprios Jogos Olímpicos não se realizaram durante o período da Segunda Guerra Mundial. Por outro lado, a UEFA²³

²¹ Vítor Serpa, 20/04/2005.

²² Vítor Santos, “Com o futebol aprende-se: Moscovo Digest”, in *A Bola*, 21 de Outubro de 1971, p. 4, col. 4.

²³ *Union of European Football Associations*.

viria a ser fundada apenas em 1954, sendo que só em 1955 se iniciariam as competições entre clubes e, em 1960, entre selecções nacionais europeias.

Em 1945, com o final da guerra, os encontros internacionais foram retomados, e com eles o acompanhamento jornalístico. Logo a 7 de Maio de 1945, Portugal e a sua comitiva deslocam-se a La Coruña para o 16º Espanha – Portugal, retribuindo a visita dos espanhóis dois meses antes. Ribeiro dos Reis era o enviado especial d'*A Bola*. Um dos seus artigos começa logo pela maneira como vê a cidade: La Coruña é “tipicamente chic”, uma cidade que tenta rivalizar com a capital, e onde o povo galego passa férias. É por isso apresentada como cidade do gozo e “sala de visitas” para os estrangeiros. Nesta pequena introdução, descreve as relações cordiais de Portugal com Espanha, concluindo que “a simples indicação de La Coruña para a realização deste XVI Espanha – Portugal, revelava, por isso, o desejo que nossos vizinhos tinham por retribuir em bom local todas as atenções que lhe haviam sido dispensadas na sua última visita a Portugal”²⁴. Ribeiro dos Reis destaca ainda, como cúmulo das atenções retribuídas pelos galegos aos lusitanos, a inauguração da Praça de Portugal, na mesma cidade. Estas primeiras deslocações, assim como outras, quer da Selecção Nacional quer dos clubes, não terão sido das mais prolíficas no que respeita ao tipo de documento que procuramos, mas servem de ponto de partida para o que se seguirá.

Em Espanha teria origem o protótipo da Taça dos Clubes Campeões Europeus, a Taça Latina, que reunia os campeões de Espanha, Portugal, França e Itália. A competição iniciou-se em Madrid, em Junho de 1949, sobrevivendo até 1957, altura em que foi abandonada devido à concorrência do novo troféu da UEFA. Do acompanhamento jornalístico prestado às suas oito edições, aquelas que eram disputadas em Paris eram as que maior curiosidade suscitavam. Em 1955, por exemplo, encontramos um artigo sobre as excentricidades que se podiam ver na “capital do Mundo”, de entre as quais se destacava uma estrutura de desportos de Inverno (acompanhada de neve verdadeira), montada no centro de Paris em pleno Verão, terminando com um exclamativo “Em Paris tudo é possível”.

²⁴ Ribeiro dos Reis, *A Bola*, 7 de Maio de 1945, p. 5, col. 1.

As digressões, que os grandes clubes portugueses realizavam normalmente no Verão, eram a maneira mais vulgar de jogar fora do país. Porém, isto nem sempre representava jogar fora do Império, já que muitas destas viagens eram feitas no Ultramar. Contudo, em 1949, o Sporting Clube de Portugal, treinado precisamente por Cândido de Oliveira, fez uma digressão pela Suécia. A estadia no país nórdico, durante duas semanas, permitiu a Cândido de Oliveira realizar uma série de notas com as suas impressões sobre o país e seus habitantes. Daí resultaram dois longos artigos, publicados com dez dias de diferença, a 18 e 28 de Julho de 1949, onde Cândido oferecia uma visão detalhada do país, lamentando não poder fazer melhor por não entender a língua. No primeiro artigo, a título de primeira impressão, destaca a “quase irrealidade” de tal país face aos padrões de vida portugueses:

A todo o momento, na verdade, a Suécia nos oferece aspectos verdadeiramente surpreendentes de ser um país áparte... E nenhum de nós sabe que mais admirar. (...) Se o equilíbrio que se reflete a todo o momento na higiene, na disciplina e na ordem pública; se na quase ausência de polícia em toda a cidade [Estocolmo], se na inexistência do desemprego ou da mendicidade, se no culto pela educação do povo, pela cultura do espírito e do corpo; se na jovialidade e quase infantilidade do povo, que sorri e acarinha os visitantes; se no arqui-civilizado de toda a vida cidadina que não comporta a existência de um mendigo, um papel no chão ou uma mosca no ar! (...) A Suécia parece-nos, nestes primeiros contactos, com a sua capital, um país irreal... Um mero artifício para deslumbrar o visitante de outras paragens... Há em tudo uma nota saliente de civilização. Melhor dizendo: – de educação moral e cívica absolutas²⁵.

Desta forma, e ainda através de um detalhado segundo artigo, Cândido dava a conhecer a um dos países mais atrasados e conservadores da Europa aquele que, em 1949, era já um dos mais liberais e avançados. Um país que admirava, e onde, ironicamente, acabaria por falecer, quando acompanhava o Campeonato Mundial de Futebol aí realizado em 1958. Foi um dos

²⁵ Cândido de Oliveira, *A Bola*, 18 de Julho de 1949, p. 1, col 1.

casos raros neste período, pois antes das competições oficiais da UEFA as deslocações ao estrangeiro por parte dos clubes e da própria selecção portuguesa eram muito esporádicas. A situação viria a alterar-se a partir de 1955, ano que marca o nascimento das competições europeias.

Entre o início das competições europeias e o fim do Estado Novo

O longo período de quase vinte anos entre 1955 e 1974 é, ironicamente, aquele em que, à excepção de casos esporádicos e porventura acidentais (como adiante veremos), produz menos informações detalhadas ou reportagens de fundo. Este aspecto poderá estar relacionado com o intensificar da vigilância do Estado nesses anos, em que a censura redobrou os seus esforços de supervisão dos conteúdos informativos dos mais variados tipos de imprensa. Sobre este período, Aurélio Márcio²⁶ dirá em 1974 que “já escrevia a pensar nos senhores do lápis azul”²⁷; em 1960, por ocasião de uma viagem do Benfica a Budapeste, Carlos Pinhão²⁸ parece insurgir-se contra a interferência da política, recusando-se a fazer uma crónica de viagem (ou terá sido impedido?), apesar da oportunidade que representava passar a Cortina de Ferro, clamando que “cada vez se tem que lutar mais para que não haja nunca interferências políticas no Desporto”²⁹.

Coincidentalmente, ou talvez não, no jornal *A Bola* isto foi particularmente visível após a morte de Cândido de Oliveira em 1958. Nesse ano, ainda foi possível encontrar alguns artigos interessantes, como o de uma estadia de seis dias de Aurélio Márcio em Londres, por ocasião de um Inglaterra-Portugal. Aurélio Márcio relata uma série de episódios, como a estranheza que lhe causou ver tantos canhotos em Londres, algo invulgar em Portugal, onde é “severamente reprimido pelas mamãs portuguesas”³⁰, ou a vida nocturna da

²⁶ Aurélio Márcio (Fafe, 1919 – Lisboa 2010). Jornalista do *Diário Popular* e d'*A Bola*, passou também pela rádio, na Emissora Nacional, na Rádio Renascença e na TSF.

²⁷ in Aurélio Márcio, *Um repórter na R.D.A.*. Lisboa: Direcção-Geral dos Desportos, 1974.

²⁸ Carlos Pinhão (Lisboa, 1924 – Lisboa, 1993). Foi um jornalista português, inicialmente no *Diário Popular*. Em 1955 tornou-se redactor de *A Bola*, onde permaneceu até morrer. Teve também uma carreira literária, destacando-se sobretudo na Literatura Infantil.

²⁹ Carlos Pinhão, “O caso especial de Budapeste”, in *A Bola*, 1960.

³⁰ Aurélio Márcio, “De uma semana em Londres”, in *A Bola*, 10 de Março de 1958, p. 5, col. 3.

capital do Império Britânico, onde já se faziam anunciar os *Swinging Sixties*. Conta como ainda são encontradas em caves da cidade bombas não detonadas do tempo do *Blitz*³¹, ou como o treino da Seleção Nacional é adiado, devido à requisição do campo para treinar galgos de corrida. Este tipo de artigos assumia um carácter mais anedótico do que de reportagem sobre a sociedade. No entanto, continuavam a aparecer as caixas com as informações básicas dos países, contando por vezes um pouco da sua História. E isto acontecia para qualquer país, fosse ele a vizinha Espanha e a latina Itália, ou a distante Jugoslávia e a suspeita República Democrática Alemã.

Das lições no fabrico de *whisky*, aquando da deslocação do Benfica à Escócia no ano de 1964, à inacessibilidade da língua grega em 1968; da protecção que Pedroto³² faz aos jogadores do Porto, a fim de os afastar das mini-saias que os perseguem em Cardiff, à lembrança de um Cândido de Oliveira, quando um repórter conta como foi abordado pela polícia por atirar papéis para o imaculado asfalto de Amesterdão; das várias caixas informativas às linhas iniciais e finais de uma crónica, os anos 60 foram marcados por esta sucessão de informações factuais, mas parcas, e acontecimentos de cariz invulgar ou simplesmente humorístico. Embora sendo certo que continuavam, não só a partilhar situações com algum interesse cultural, mas também a agradar a um vasto público, que aumentava desta forma a sua cultura geral sobre os vizinhos europeus, notava-se nestes artigos a falta de apreciações de carácter socio-político de maior fôlego.

Os primeiros anos da década de 70 parecem trazer uma lufada de ar fresco. Em três anos consecutivos, um histórico Vitória de Setúbal leva a três reportagens de interesse. Em 1971, o Vitória desloca-se a Moscovo para defrontar o Spartak local, oportunidade única para uma crónica sobre a União Soviética. Homero Serpa³³, num “Hoje jogo eu” de 1977, conta que, por essa altura, saíram no jornal peças do enviado especial Vítor Santos,

³¹ Os bombardeamentos alemães sobre o Reino Unido (em especial Londres) durante a Segunda Guerra Mundial.

³² José Maria Pedroto (Lamego, 1928-1985). Jogador e treinador de futebol. Notabilizou-se, entre outros, ao serviço do Futebol Clube do Porto.

³³ Homero Serpa (Lisboa, 1927-Lisboa, 2007). Jornalista português, colaborou em diversas publicações desde *O Mosquito* (jornal infantil) até ao jornal *A Bola*, passando pela *Gazeta do Sul*, *República*, *Diário de Lisboa*, *Diário Popular*, revista *Lisboa Carris* (da qual foi director) e *O Setubalense*.

visando aspectos da sociedade soviética, contendo informações nunca antes publicadas sem ser na imprensa clandestina. Ter-se-á tratado de um engano, uma troca entre os originais e as provas rasuradas pelo lápis azul dos censores, que chegaram apenas depois da saída do jornal. O estado de perplexidade que se seguiu de ambos os lados, bem como a intervenção de Vicente de Melo, levou a que o jornal escapasse apenas com uma multa e um aviso: “para a outra vez, mais cuidadinho”³⁴. Um episódio que revela o impacto que o jornal poderia ter na sociedade, mesmo em casos tão acidentais quanto este.

Ultrapassado o Spartak, calha em sorteio ao Vitória de Setúbal uma deslocação a Arad, na Roménia. Coube ao jornalista Carlos Miranda³⁵ saber um pouco mais sobre esta cidade. Miranda pediu ajuda a uma cidadã romena a frequentar o Curso de Língua e Cultura Portuguesa em Lisboa. Com essa ajuda, fez uma caracterização detalhada da cidade, e do seu papel na sociedade romena como centro industrial³⁶.

Na mesma página da reportagem sobre Arad, Carlos Pinhão assina um “Hoje jogo eu”, onde descreve a sensação que sentiu em Londres ao conhecer o *Speaker's Corner*, em Hyde Park, onde qualquer cidadão pode discursar sobre o que lhe apetecer, mesmo sobre a actuação do seu governo, desejando a liberdade de expressão inglesa para Portugal, uma afirmação que poderia ter atraído mais problemas para o jornal, tendo em conta o período em que foi escrita.

Finalmente, em 1972, o Vitória desloca-se a Leeds, numa Inglaterra onde se fazia sentir fortemente a crise dos combustíveis. Homero Serpa relata os problemas que afectavam as terras de Sua Majestade: os racionamentos de gasolina ameaçados pelo Governo, o estado de espírito dos ingleses, “interrogando-se sobre o futuro, resmungando, no antipático aproveitamento da deixa, impropérios contra o Mercado Comum, que, segundo muitas opiniões, reduz o nível de vida britânico, em virtude de aumentar o custo

³⁴ Homero Serpa, “Hoje jogo eu”, in *A Bola*, 29 de Setembro de 1977, p. 9.

³⁵ Carlos Miranda (1932-2002). Jornalista desportivo, destacou-se na cobertura noticiosa da Volta a Portugal e do Tour de França, em ciclismo, além de ter sido enviado do jornal a vários Jogos Olímpicos. Assumiu a direcção d' *A Bola* em 1975, tendo-se mantido no cargo até 1992.

³⁶ Carlos Miranda, *A Bola*, 11 de Novembro de 1971, p. 4, col. 2.

da dita.”³⁷. Para melhor explicar estas queixas britânicas, revela um pouco do funcionamento do Mercado Comum, dizendo que tira a unç para não prejudicar outros, neste caso destruindo o excesso de manteiga britânica, para não interferir nos negócios dos produtores franceses.

Aurélio Márcio, em Março de 74, visita a fábrica da Mercedes-Benz em Estugarda, onde trabalhavam cerca de 1500 portugueses. Mais uma vez, a deixa é aproveitada para fazer a comparação entre as condições de vida na Alemanha e em Portugal. A certa altura, chega a comparar o estado da sociedade portuguesa com “regimes de castas, de diferenças de classes, sem atender à condição humana”, quando um dos trabalhadores lhe diz que a esposa, “em serviço de limpeza, é uma senhora na Alemanha. Em Portugal, é sempre uma criada”³⁸.

Alguns dias depois, Carlos Pinhão apresenta Magdeburgo, na República Democrática Alemã, onde o Sporting irá jogar no dia 24 de Abril. Mais uma vez, e perante uma certa passividade da censura, é inserida no artigo, a acompanhar as informações básicas usuais, a autodefinição da RDA: “estado de direito soberano, antifascista e democrático, a sua ordem está baseada na propriedade do povo ou de cooperativas dos principais meios de produção”³⁹. A publicação deste tipo de informação, também presente em alguns dos exemplos que viémos apresentando, quebrava as normas a observar pela Direcção de Censura, a qual dizia que se deviam cortar textos que “procurem criar um clima de agitação social (...) nomeadamente através da divulgação das doutrinas marxistas ou de propaganda das actividades comunistas”⁴⁰. Depois do sucedido com os artigos sobre Moscovo, a publicação desta peças poderia ter trazido dissabores ao jornal. Quis o acaso que no dia seguinte, 25 de Abril de 1974, o regime estivesse demasiado ocupado para prestar atenção ao que saía no jornal *A Bola*.

³⁷ Homero Serpa, *A Bola*, 29 de Novembro de 1973, p. 4, col. 5.

³⁸ Aurélio Márcio, *A Bola*, 9 de Março de 1974, p. 4, col. 5.

³⁹ Carlos Pinhão, *A Bola*, 23 de Março de 1974, p. 5, col. 5.

⁴⁰ “Normas a observar pela Direcção dos Serviços de Censura”, de 14 de Outubro de 1968. In *A política de informação no regime fascista*. Lisboa: Comissão do Livro Negro sobre o fascismo, 1980, pp. 214-215.

Entre o 25 de Abril de 1974 e a adesão à Comunidade Económica Europeia

A Bola foi, no período do Processo Revolucionário em Curso, uma das estruturas criticadas pela nova sociedade nascida após o 25 de Abril. Como principal veículo de uma actividade fortemente ligada ao Estado Novo, o futebol, o jornal viu-se na necessidade de reformular o seu conteúdo e direcção programática, a fim de evitar as críticas e consequente decréscimo de vendas que elas poderiam acarretar. Passou a dar-se maior atenção ao desporto amador, e foram feitas grandes reportagens sobre o estado do desporto noutros países, nomeadamente naqueles anteriormente “repudiados” pelo regime. Vítor Serpa⁴¹ conta como este caminho acabou por ser corrigido, por estar a descaracterizar o jornal: *A Bola* não deveria perder a sua identidade daquela forma. Após 1976 promoveu-se então um regresso ao passado, à intervenção activa na sociedade, mas agora afastada de questões políticas, e incidindo sobre questões de cariz socio-cultural. Renascia o velho hábito de reportar o que se passava na Europa, aproveitando a boleia dos emblemas nacionais.

O golpe de 25 de Abril abriu espaços novos para os artigos de viagem no jornal *A Bola*. Como escape de pressão de um país durante tanto tempo fechado sobre si mesmo, cresceu de um momento para o outro o interesse por tudo o que vinha do estrangeiro. A abertura do regime e o fim da censura permitiram uma maior liberdade ao jornal, e aos seus enviados especiais (agora devidamente encartados) aproveitar as deslocações dos clubes pela Europa e aumentar o fluxo de informação sobre diversos países. Segundo Vítor Serpa, à altura um dos atarefados repórteres, isto fez-se quase até ao absurdo. As deslocações a países do Bloco de Leste, ou a países com regimes anteriormente “desaconselháveis” e “perigosos” aos olhos do regime autoritário, eram das que mais tinta faziam correr⁴².

Poder-se-á dizer que foi para compensar a anterior falta? Talvez. A verdade é que a saída destes artigos teve um aumento exponencial:

⁴¹ Vítor Serpa (Lisboa, 1951). Jornalista desportivo, começou pelo *Diário Popular*, onde esteve até 1974, ano em que passou para o jornal *A Bola*, como redactor. Em 1992 passou a director, cargo que mantém.

⁴² Vítor Serpa, 20/04/2005.

o destaque para aspectos do país ou cidade visada começavam logo após o conhecimento do resultado dos sorteios da UEFA, especialmente quando se tratava de um local mais afastado de Portugal, ou simplesmente invulgar; notas que anteriormente ocupavam apenas algumas linhas no corpo da notícia do jogo, ou uma pequena crónica na edição seguinte, com o retorno do enviado especial, apareciam agora como reportagens autónomas, expandindo-se mesmo por vários números do jornal. Em casos raros, como o de uma visita a uma “misteriosa Albânia” em 1985, estes escritos fizeram parte do jornal por um período superior a duas semanas.

No caso de países mais conhecidos, como o Reino Unido, não se justificava tanto interesse, mas nem por isso se deixou de fazer um acompanhamento da situação em terras britânicas. Logo em Maio de 1974, Jorge Schnitzer⁴³ apresenta uma Inglaterra que, embora agitada pelas questões da Irlanda do Norte, ainda tem tempo para reagir aos acontecimentos em Portugal: “Um inglês que estava no bar do hotel, mostrou-se muito penalizado: – Fui passar umas férias maravilhosas a Portugal, calma, tranquilidade, um sol maravilhoso, praias de sonho. Agora, com tanques nas ruas...⁴⁴”. A estadia de Mário Soares na capital inglesa, reunido com o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde, tendo em vista o fim da guerra, também merece comentários britânicos, que Jorge Schnitzer reproduz: “...é um político muito considerado na Inglaterra. (...) acreditam-no como um homem muito sensato e nada extremista, o que até seria fácil de acontecer numa pessoa que está fora do seu país e portanto pode ser muito avançado nas ideias que exprime, pelo menos quando postas em relação com os seus compatriotas que não podem exprimi-las por causa da censura”⁴⁵. E mais uma vez, é encontrado um português, neste caso uma empregada de hotel, que estaria ansiosa por voltar a Portugal se os ordenados fossem aumentados, queixando-se que em Inglaterra se ganhava bem, mas que se gastava tudo: “aqui, não se leva uma vida como nós, os latinos, gostamos de fazer”⁴⁶.

⁴³ Jorge Schnitzer (Lisboa, 1945). Jornalista desportivo. Em meados da década de 1990 foi editor de desporto do canal privado de televisão, SIC.

⁴⁴ Jorge Schnitzer, *A Bola*, 25 de Maio de 1974, p. 4, col. 4.

⁴⁵ *Idem, ibidem*.

⁴⁶ *Idem, ibidem*.

Em 10 de Outubro do mesmo ano, após um sorteio que colocou o Futebol Clube do Porto na rota de Nápoles, a cidade é apresentada como solarenga e pitoresca, cheia de História e opulência. Quatorze dias depois, a notícia é bem diferente. O solarengo deu lugar ao chuvoso. A alegria deu lugar ao caos, com greves de trabalhadores reprimidas brutalmente por uma polícia “ao melhor estilo da velha polícia de choque portuguesa”⁴⁷, debaixo de intenso temporal. No seguimento, um engarrafamento de trânsito: “caos total, mais pitoresco pela histeria tradicional dos napolitanos: gestos, palavrões, imprecações, inversões de marcha, tudo arrepiantemente neo-realista”⁴⁸. Mesmo num local usualmente mais conhecido dos portugueses, como Itália, há sempre lugar para dar a conhecer algo novo: “Nápoles com luz, sol, alegria, toda a gente conhece. Nápoles debaixo de temporal é só para requintados, como nós, acompanhantes do F. C. Porto”⁴⁹.

Saltando até 1977, encontramos novamente a Itália. A situação política em Itália é muito seguida pelos jornalistas de *A Bola*. Num “Hoje jogo eu”, Carlos Pinhão afirma que “o italiano é o tipo mais parecido conosco (...) Bem mais que o espanhol, que vive mesmo aqui ao lado. Sempre tive essa ideia, e agora mais, porque entretanto outros pontos de contacto surgiram”⁵⁰. Falava da imprensa de esquerda, na altura comum nos dois países. Porém, alguns dias antes, Jorge Schnitzer revelava as dúvidas de alguns italianos face a esta “esquerda”: “Uma jovem italiana que, aqui há anos, me dizia as últimas maravilhas do eurocomunista Berlinguer⁵¹ (...) confessava-se agora muito céptica (...) E dava-me esta definição de euro-comunismo que eu acho que é uma delícia de definição e que não ofende ninguém (nem dos que são, nem dos que não são). – Para mim, é um «cavalo de Tróia». Não sei é em relação a quem: se ao «euro», se ao resto da palavra”⁵².

⁴⁷ Vítor Santos, *A Bola*, 24 de Outubro de 1974, p. 4, col. 1.

⁴⁸ *Idem, ibidem*.

⁴⁹ *Idem, ibidem*.

⁵⁰ Carlos Pinhão, “Hoje jogo eu”, in *A Bola*, 13 de Outubro de 1977, p. 4.

⁵¹ Enrico Berlinguer (Sassari, 1922-Pádua, 1984). Político italiano, foi líder do Partido Comunista Italiano desde 1972 até à sua morte, em 1984. Foi um dos principais apoiantes da teoria do Eurocomunismo, uma ideologia em voga nos anos 70 e 80 do século XX, que pressupunha uma adaptação do comunismo às realidades da Europa Ocidental, afastando-se do modelo soviético.

⁵² Jorge Schnitzer, “Hoje jogo eu”, in *A Bola*, 1 de Outubro de 1977, p. 6.

Novos tempos em que os cronistas d'*A Bola* podiam fazer comentários políticos livremente.

Em Novembro do mesmo ano, por ocasião de um jogo do Benfica para a Taça dos Campeões, Vítor Serpa faz uma reportagem sobre a sociedade dinamarquesa, denunciando os casos de prostituição infantil e de homossexualidade que grassam naquele país, onde “aos catorze anos (...) mulher e homem são por lei considerados maiores, e, como tal, podem fazer a vida na mais completa independência. (...) Terra do amor livre, do amor puro, do amor fácil, é hoje terra de grandes e graves problemas no campo da sexualidade”⁵³.

Os anos 80 parecem mais moderados após o êxtase inicial pós-25 de Abril. Continuam as reportagens sobre o estrangeiro, mas já nem tudo parece tão idílico como na altura do regime. Carlos Pinhão aparece agora muito crítico dos hábitos estrangeiros, especialmente da Europa desenvolvida, tentando enaltecer Portugal sempre que possível, como em dois “Hoje jogo eu” de 1983, sobre a Escócia, nos quais, no seu tom sarcástico, parece afirmar que, contra a sofisticação britânica, fica bem a simplicidade portuguesa:

Quando a equipa do Sporting chegou ao hotel (...) tinha à sua porta, um escocês vestido a rigor (...) o homem tocava com gana, deve ser norma da casa receber assim os hóspedes ilustres. (...) Bonito, sim senhor. No entanto, espectáculo do género, já tínhamos visto melhor e nem foi preciso sair de Lisboa, bastou-nos ir ao Parque Mayer⁵⁴.

Repórter teve entrada no Jardim Botânico de Glasgow (digamos JBG), porque a entrada só é proibida a cães e a crianças com menos de dez anos, de onde se conclui que só aos dez anos uma criança fica acima de cão, é proverbial o carinho que os ingleses dedicam aos cães. (...) Evidentemente, na minha qualidade de lisboeta bairrista, não me conformei e perguntei ao guarda do JBG: (...) – “Mangericus

⁵³ Vítor Serpa, *A Bola*, 3 de Novembro de 1977, p. 6, col. 1.

⁵⁴ Carlos Pinhão, “Hoje jogo eu”, in *A Bola*, 3 de Novembro de 1983, p. 4.

alfacinatus”? – Não entendo! – disse ele em inglês. (...) Não insisti, já tinha percebido que manjericos não havia, não nos ligam nenhuma⁵⁵.

Em visitas a locais como Irlanda, Irlanda do Norte, Córsega ou País Basco, os jornalistas de *A Bola* tiveram várias vezes a preocupação de ir além do conteúdo turístico, e pesquisar sobre a sua História e a sua cultura, a fim de melhor dar a entender os problemas de terrorismo que os assolavam e o porquê das suas reinvindicações, sem, no entanto, tomar qualquer posição que não a de observador imparcial. Quanto ao resto, mantiveram-se as estratégias comuns até ao fim deste período: introdução ao país ou cidade; um pouco mais de pesquisa e destaque caso fosse um local invulgar; uma conversa com o inevitável emigrante; e uma crónica final com as impressões de cada repórter, positivas ou negativas. Da grande metrópole de Amesterdão à escondida vila austríaca de Vöcklabruck, foi assim, neste período, a investigação metadesportiva do jornal *A Bola*.

Conclusões

Neste pequeno artigo propusemo-nos avaliar como a imprensa desportiva pode desempenhar um serviço de transmissão cultural para além do seu conteúdo especializado. Trata-se de uma função que continua subvalorizada e pouco estudada, tendo em conta a sua importância: estamos perante um tipo de imprensa que vem dominando as vendas de jornais no nosso país. Como exemplo dessa transmissão cultural, vimos como o jornal *A Bola* divulgou conteúdos informativos sobre a Europa, uma situação que não se deve descurar, em função do vasto público que esse jornal abrangeu desde a sua fundação em 1945, que levou João Nuno Coelho a chamar-lhe “o maior veículo escrito de língua portuguesa no mundo”⁵⁶. Mas este jornal não foi caso isolado, e muitos outros exemplos poderão ser encontrados noutros títulos da imprensa desportiva da última centena de anos, à espera que os

⁵⁵ Carlos Pinhão, “Hoje jogo eu”, in *A Bola*, 5 de Novembro de 1983, p. 8.

⁵⁶ João Nuno Coelho, *Portugal, a equipa de todos nós...*, cit., pág. 82.

historiadores lhes comecem a prestar mais atenção enquanto fontes para os mais diversos estudos.

Aqui, neste estudo, procurámos mostrar como um jornal aparentemente afastado de questões socio-políticas conseguiu movimentar-se por entre as frinchas de aparelhos controladores e transmitir a um público alargado certos conteúdos que não eram disponibilizados por outros meios de comunicação. Contudo, esta informação era dispersa e anedótica. Não seguia nenhuma linha condutora, idealizada centralmente na redacção do jornal, antes estava dependente da vontade dos redactores e enviados especiais, que procuravam abrilhantar as crónicas com outros conteúdos para além do relato desportivo, por razões meramente estéticas, e tendo em vista fins comerciais: este tipo de “curiosidades” agradava aos leitores de *A Bola*, mas é muito difícil avaliar a sua reacção, ou quão profunda terá sido a influência destes artigos no pensamento dos leitores sobre a Europa.

Na nossa perspectiva, é de descartar completamente a existência de qualquer “Ideia de Europa no Jornal *A Bola*”, como referimos no princípio deste texto. Lendo os artigos em questão e os depoimentos deixados por alguns dos intervenientes directos, trata-se de uma noção que nunca fez parte do pensamento consciente e da escrita dos cronistas. As “imagens da Europa”, que tomavam a forma de rápidas observações postas em artigo, feitas por jornalistas que, em média, não passavam mais que três dias em reportagem no estrangeiro, não pareciam traçar uma linha de pensamento comum, ao invés teriam um carácter mais lúdico que educador. Isto não significa que não tenha existido, da parte de alguns redactores, como Vítor Santos, Carlos Pinhão ou Carlos Miranda, um esforço consciente para usar o jornal como forma de educar os seus leitores. As “imagens da Europa” capturadas pelos cronistas e divulgadas pela sua pena, embora imperfeitas e esporádicas, foram, por vezes, as únicas a que alguns portugueses, que não liam livros nem jornais generalistas, nem tinham acesso à televisão, puderam receber, e essa realidade esteve sempre presente no espírito dos jornalistas. É com a escrita de Carlos Miranda que finalizamos este texto, que no início do seu artigo sobre Arad, confessou essa percepção:

Já é tema por demasiado batido. Dizer que o futebol pode ser motivo para aprender. Mais que não seja, quando passa a internacional,

e começa a revelar-nos no mapa uma série de nomes, que nada nos dizem... mas em que se vê, depois, que são mesmo cidades a sério, aglomerados humanos com vida própria, com história, com tradições... com vida, a vida que, à primeira vista, parece ausente do tal pontinho perdido no mapa⁵⁷.

Recensões

RODRIGUES, Jorge Neves Jacinto e DEVEZAS, Teófilo – *Portugal. O Planeta da Globalização*. Vila Nova de Famalicão: Lirboa, Centra Atlântico, 2001, 350 p.

O conteúdo desta obra, de responsabilidade dos autores em conjunto, desenvolve-se no transcurso de 297 páginas que preenchem dez capítulos, sete dos quais sobre aspectos da História de Portugal, a partir do século XIV. O capítulo I aborda questões teóricas e introdutórias, acrescentando ao título do livro o ensaio de uma projecção de História até 2030. Uma *aportuguesada* de Outros Gêneros (depoimentos de outros cinco autores que cada fora desta antologia crítica), ocupa as páginas 289 a 304. Segue-se a bibliografia e anexos (pp. 329-360).

A propósito das notas, direitas que, em nossa opinião, a forma como um livro é concebido, estruturado e organizado, deve ter acuidade, em vista facilitar a vida ao leitor e não ao autor ou ao editor. Ora, ler um livro de 300 páginas com as notas no final obriga o leitor a um "go-go de pingue-pongue" penoso que lhe corta, momentaneamente, o fio sequencial de leitura, problema que se resolve com as citações feitas intrapaginara.

Quanto à desta obra está ao vertente (suportar de uma ler de original), do chamar desde logo a atenção para o facto de que a edição atualizada é um fenómeno das últimas duas décadas é comuiter ser se e seria dizer-se: trata-se de um processo histórico de 300 anos.

Claro que Portugal foi o planeta e o principal protagonista do sistema

⁵⁷ Carlos Miranda, *A Bola*, 11 de Novembro de 1971, p. 4, col. 2.